REPRESENTAÇÕES DO GÊNERO FEMININO NO LIVRO DIDÁTICO DE MATEMÁTICA: discursos e estereótipos no 4° ano do Ensino Fundamental

Kalina Gislane Gouveia de Araújo[1]
Mariana Moura Borges[2]
Naralina Viana Soares da Silva Oliveira[3]

GD3: Livro Didático na perspectiva da diversidade, inclusão e justiça social

Resumo
Este trabalho tem como objetivo analisar como o gênero feminino é representado no livro didático de Matemática do 4° ano do Ensino Fundamental, investigando os contextos e papéis sociais atribuídos às figuras femininas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva, utilizando a análise documental como procedimento técnico. O objeto de estudo selecionado foi o livro "A Conquista: Matemática – Volume 4" (2025), integrante do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). A análise fundamenta-se em perspectivas pós-estruturalistas de gênero e currículo, mobilizando Louro (1997), Silva (2005) e Foucault (1979) para compreender o livro didático como artefato cultural produtor de discursos e subjetividades. Os principais resultados alcançados indicam que, embora existam avanços pontuais na representatividade feminina, como a substituição de personagens masculinos por femininos em profissões de maior visibilidade social em relação a edições anteriores, ainda predomina um padrão que associa a mulher ao ambiente doméstico, às funções de cuidado e à docência. Conclui-se que o material atua como um produto cultural que, por meio de discursos e silenciamentos, pode reforçar estereótipos de gênero e a invisibilidade feminina. Dessa forma, ressalta-se a importância de uma abordagem crítica desses materiais, visando promover representações mais equitativas e contribuir para uma formação que valorize a diversidade e a justiça social.

Palavras-chave: Livro didático. Matemática. Gênero feminino. Representação social.

1 Introdução

A Matemática, frequentemente apresentada como uma área neutra, universal e desvinculada de questões sociais, também é atravessada por discursos, valores e relações de poder que contribuem para a produção de sentidos no ambiente escolar. Nesse contexto, os materiais didáticos, especialmente os livros de Matemática, ocupam um papel central na organização do currículo e atuam na construção de representações de gênero. Assim, os livros didáticos além de sistematizar conteúdos, também funcionam como artefatos culturais que produzem significados e constroem identidades.

[1] Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) • Mestranda em Educação Matemática e Tecnológica • Surubim, PE, Brasil • kalina.gouveia@ufpe.br • ORCID https://orcid.org/0009-0001-7342-2613
[2] Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) • Mestranda em Educação em Ciências e Matemática • Caruaru, PE, Brasil • mariana.mouraborges@ufpe.br • ORCID https://orcid.org/0009-0004-4698-0291
[3] Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) • Doutora em Educação em Ciências e Matemática • Caruaru, PE, Brasil• naralina.viana@ufpe.br • ORCID https://orcid.org/0000-0002-9952-4941

No contexto brasileiro, essa discussão ganha ainda maior relevância em razão da abrangência do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), política pública executada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) em parceria com o Ministério da Educação (MEC), responsável pela avaliação, aquisição e distribuição gratuita de livros didáticos e outros materiais educacionais destinados às escolas públicas da Educação Básica (Brasil, 2026). Em razão da ampla circulação dessas obras, as representações presentes nos livros didáticos alcançam milhões de estudantes e podem contribuir tanto para a reprodução quanto para o tensionamento de desigualdades sociais. Embora o PNLD tenha incorporado, ao longo dos anos, critérios relacionados à promoção da diversidade, da inclusão e do respeito aos direitos humanos, ainda são observadas representações que reforçam estereótipos de gênero, evidenciando a importância de pesquisas que problematizem os discursos presentes nesses materiais.

Nessa perspectiva, o currículo não é entendido como um conjunto imparcial de conhecimentos, mas como um espaço de disputas e seleções que privilegiam determinados saberes e sujeitos em detrimento de outros. Como afirma Silva (2005), o currículo está diretamente relacionado a processos de poder, uma vez que define o que deve ser ensinado, quem deve aparecer e quais conhecimentos são considerados legítimos. Assim, a ausência ou a representação restrita das mulheres em livros didáticos de Matemática pode contribuir para a manutenção de discursos que limitam sua participação em diferentes espaços sociais e profissionais.

Ao discutir gênero na educação, Louro (1997) argumenta que as diferenças entre homens e mulheres não são naturais, mas social e culturalmente construídas, sendo continuamente produzidas em diferentes espaços, entre eles a escola. Sob essa perspectiva, as representações presentes nos livros didáticos participam da produção dessas diferenças ao atribuírem determinados papéis, comportamentos e possibilidades de atuação aos sujeitos. Em diálogo com essa compreensão, Foucault (1979) destaca que os discursos produzem regimes de verdade capazes de orientar modos de pensar, agir e existir. Assim, as imagens, narrativas e situações-problema presentes nos livros didáticos deixam de ser elementos meramente ilustrativos e passam a constituir práticas discursivas que participam da produção de subjetividades e da regulação das posições sociais atribuídas aos diferentes gêneros.

Esse aspecto torna-se ainda mais relevante quando se considera o contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental, período em que os estudantes estão em processo de construção de suas identidades e de suas percepções sobre o mundo social. Nesse momento, as representações presentes nos materiais didáticos podem influenciar a forma como os estudantes compreendem seus lugares na sociedade. A recorrência de imagens que associam o feminino a posições de cuidado ou de menor protagonismo pode contribuir para a naturalização de relações desiguais de gênero.

Embora as discussões sobre gênero e educação tenham se ampliado nas últimas décadas, ainda são limitadas as investigações que problematizam especificamente como o gênero feminino é representado em livros didáticos de Matemática, sobretudo nos anos iniciais da escolarização, etapa em que tais representações podem exercer forte impacto na constituição de identidades escolares e acadêmicas. Essa lacuna torna-se ainda mais significativa quando se considera que o ensino de Matemática tem sido historicamente associado a narrativas de masculinização, invisibilizando a presença e a contribuição das mulheres nesse campo.

Diante desse cenário, este estudo parte da seguinte questão: *como o gênero feminino é representado em um livro didático de Matemática do 4º ano do Ensino Fundamental?* Para responder a essa problemática, o objetivo deste trabalho consiste em analisar como o gênero feminino é representado no livro didático *A Conquista: Matemática – Volume 4* (2025), investigando os contextos em que as personagens femininas aparecem, os papéis sociais que lhes são atribuídos e os sentidos produzidos por essas representações. Ao problematizar essas construções, busca-se contribuir para o debate sobre currículo, gênero e justiça social no campo da Educação Matemática.

2 O livro didático de Matemática como produtor de representações de gênero

O livro didático ocupa um lugar central no cotidiano escolar, constituindo-se, em muitos contextos, como um dos principais mediadores entre currículo, prática pedagógica e aprendizagem. No ensino da Matemática, essa centralidade se torna ainda mais evidente, uma vez que grande parte das atividades desenvolvidas em sala de aula, dos exemplos mobilizados e das situações-problema propostas são organizadas a partir desse material. Entretanto, reduzir o livro didático a uma função meramente instrumental significa desconsiderar sua dimensão política, cultural e formativa.

Nessa perspectiva, o livro didático pode ser compreendido como parte do currículo escolar, o qual se constitui como um espaço de disputas e seleções. Mais do que um conjunto de conteúdos organizados pedagogicamente, ele materializa escolhas, valores e visões de mundo que expressam determinados projetos de formação. Como destaca Silva (2005), o currículo envolve relações de poder, pois determina quais conhecimentos são legitimados e quais sujeitos são visibilizados ou silenciados. O autor enfatiza que, ao pensar o currículo apenas como conhecimento, desconsidera-se que esse conhecimento está profundamente implicado na constituição dos sujeitos, uma vez que:

> [...] quando pensamos em currículo, pensamos apenas em conhecimento, esquecendo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que nos tornamos, na nossa identidade, na nossa subjetividade (Silva, 2005, p. 15).

Essa compreensão aproxima-se das discussões de Apple (2006), para quem os livros didáticos não são instrumentos neutros de transmissão do conhecimento, mas artefatos permeados de ideologias que influenciam a forma como os estudantes interpretam a realidade. Assim, as escolhas relacionadas aos personagens das situações-problemas, às profissões representadas, aos contextos apresentados e às formas de interação entre os sujeitos contribuem para produzir significados acerca dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres.

No ensino de Matemática, as situações-problema presentes nos livros didáticos assumem importante papel na construção dessas representações. Ao apresentarem personagens inseridos em diferentes contextos, esses enunciados vão além da introdução de conceitos matemáticos, também produzindo imagens sobre os sujeitos. Quando predominam personagens masculinos em situações que envolvem raciocínio lógico, cálculos ou atividades profissionais, enquanto as figuras femininas aparecem associadas a contextos domésticos ou cotidianos, reforçam-se estereótipos derivados de uma estrutura patriarcal.

Sob a perspectiva de Foucault (1979), essas representações podem ser compreendidas como práticas discursivas que produzem modos de pensar e de ocupar determinados lugares sociais. Para o autor, os discursos não apenas descrevem a realidade, mas constituem regimes de verdade que orientam formas de agir, perceber e interpretar o mundo. Nessa direção, as imagens, os enunciados e as situações presentes nos livros didáticos participam da produção de subjetividades, oferecendo referências sobre quais posições sociais parecem legítimas para homens e mulheres. Assim, as

representações de gênero presentes nesses materiais deixam de ser meramente ilustrativas e passam a integrar processos de construção de identidades e de regulação das relações sociais.

Essa discussão torna-se particularmente pertinente no campo da Educação Matemática, historicamente associado a atributos como racionalidade, objetividade e competência técnica, frequentemente vinculados ao universo masculino. Embora tais características sejam construções sociais e culturais, sua recorrência em diferentes espaços educativos pode contribuir para afastar meninas da identificação com a Matemática e com carreiras relacionadas às ciências exatas. Nesse contexto, o livro didático assume papel importante ao apresentar modelos de atuação social que podem tanto reforçar quanto tensionar essas representações.

Outro aspecto relevante refere-se à abordagem da história da Matemática. Quando os livros didáticos apresentam a constituição desse campo do conhecimento, frequentemente privilegiam figuras masculinas, invisibilizando as contribuições das mulheres para o desenvolvimento científico. Essa ausência reforça uma narrativa histórica predominantemente masculina e limita as referências disponíveis para os estudantes. Conforme argumenta Schiebinger (2001), a ciência moderna não se constituiu como um empreendimento universal, mas foi historicamente marcada pela exclusão sistemática das mulheres dos espaços de produção do conhecimento.

Nessa direção, Louro (1997) enfatiza que a escola participa ativamente da produção das diferenças ao organizar práticas, discursos e materiais que contribuem para a construção das identidades. Os livros didáticos, nesse contexto, apresentam modelos de atuação social e referências que influenciam a forma como os estudantes se percebem. A pouca visibilidade das mulheres em contextos relacionados à Matemática ou sua recorrente associação a determinadas funções sociais pode reforçar estereótipos de gênero e limitar as possibilidades de identificação das estudantes com esse campo do conhecimento.

Pesquisas recentes sobre gênero e livros didáticos de Matemática evidenciam que esses materiais, além de organizarem conteúdos curriculares, também produzem discursos e representações sobre os sujeitos que ocupam os espaços da Matemática. De modo geral, esses estudos indicam que, embora as coleções mais recentes aprovadas pelo

PNLD apresentem avanços na ampliação da presença feminina, ainda persistem estereótipos relacionados aos papéis sociais atribuídos às mulheres.

Rodrigues (2025), ao analisar coleções aprovadas pelo PNLD 2020, identificou que os estereótipos de gênero permanecem presentes tanto nas imagens quanto nos textos dos livros didáticos. Em direção semelhante, Lima (2025), ao investigar as imagens de coleções do PNLD 2024-2027, observou que as personagens femininas continuam sendo frequentemente associadas a papéis sociais tradicionais, apesar de progressos pontuais na diversidade das representações. Esses resultados reforçam que o livro didático permanece como um importante produtor e disseminador de significados acerca das relações de gênero.

Essas constatações indicam que a evolução das políticas de avaliação de materiais didáticos nem sempre elimina discursos e representações que podem normalizar desigualdades de gênero. Portanto, reforça-se a importância de pesquisas como esta, que visam entender como essas representações são produzidas e disseminadas em livros didáticos de Matemática.

3 Metodologia

Para atender ao objetivo desta pesquisa de natureza básica, adotou-se uma abordagem qualitativa, por buscar analisar os dados a partir de métodos e técnicas extraídos da literatura pertinente ao tema. Nessa perspectiva, o interesse dos investigadores qualitativos, de acordo com Godoy (1995, p. 63),

> [..] está em verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias. Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações.

No que se refere aos objetivos, trata-se de um estudo de caráter descritivo, uma vez que se propõe a identificar e descrever as representações do gênero feminino presentes em um livro didático de Matemática. Pesquisas dessa natureza, segundo Gil (2019), visam detalhar as características de determinado fenômeno, permitindo evidenciar padrões e relações presentes no objeto investigado.

Como procedimento técnico, optou-se pela análise documental, considerando o livro didático como um objeto cultural que materializa saberes, valores e representações sociais. O documento permite observar o contexto de uma sociedade em um dado

momento, possibilitando que o pesquisador examine discursos e silenciamentos que, de outra forma, poderiam passar despercebidos em práticas cotidianas voláteis (Cellard, 2012).

Como critério, considerou-se a adoção do livro em contextos escolares, especialmente por estar vinculado ao Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), tendo em vista sua circulação nas escolas públicas brasileiras. Nesse sentido, selecionou-se o livro "A Conquista: Matemática - Volume 4" (Figura 1), de José Ruy Giovanni Júnior e Felipe Fugita, 2. ed., publicado pela FTD, em 2025, destinado ao 4° ano do Ensino Fundamental.

Figura 1 – Capa do livro *A Conquista: Matemática - Volume 4*



Fonte: Giovanni Júnior e Fugita (2025).

A análise foi realizada a partir da leitura integral da obra, identificando todas as situações-problema e atividades que apresentavam personagens humanos. Em seguida, essas ocorrências foram registradas em uma planilha analítica, considerando aspectos como o gênero dos personagens, sua presença nos enunciados e nas imagens, o contexto em que estavam inseridos, a atividade desempenhada, a profissão representada e o nível de protagonismo nas situações propostas.

Com base nessa sistematização, foram identificadas recorrências que possibilitaram a construção das categorias analíticas apresentadas na seção de resultados: *(i) a persistência do feminino associado ao espaço doméstico; (ii) representações masculinas e o espaço público/econômico;* e *(iii) a presença feminina no mercado de trabalho.* Essas categorias emergiram da análise do material empírico e, posteriormente,

foram interpretadas à luz das contribuições de Louro (1997), Silva (2005) e Foucault (1979).

4 Resultados e discussões

A análise do livro didático *A Conquista: Matemática – Volume 4* foi realizada considerando o material em sua totalidade, com foco nas situações-problema, nos personagens apresentados e nos contextos em que aparecem. Buscou-se compreender não apenas a presença do gênero feminino, mas, sobretudo, a forma como essa presença é construída ao longo do material, observando os papéis sociais atribuídos e os espaços ocupados nas situações propostas.

Foram analisadas 106 situações-problema presentes no livro didático, nas quais foram identificadas e categorizadas as representações de personagens femininas e masculinas. As ocorrências foram organizadas considerando aspectos como presença nos enunciados e nas imagens, bem como os diferentes contextos em que os personagens são inseridos. A sistematização desses dados é apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição das representações de personagens femininas e masculinas

Categoria analisada	Feminino	Masculino
Personagem nos enunciados	49	57
Personagem nas imagens	7	4
Ambiente doméstico	7	1
Espaço de trabalho	6	8
Esportes	2	4
Tecnologia	0	2
Consumo/Autonomia Financeira	7	11

Fonte: Autoras (2026).

Os dados apresentados no Quadro 1 evidenciam que há uma presença relativamente equilibrada de personagens femininas e masculinas nos enunciados das atividades, com 49 e 57 ocorrências, respectivamente. À primeira vista, essa distribuição pode sugerir avanços em relação à representatividade feminina nos livros didáticos de Matemática. Entretanto, a análise das situações em que essas personagens aparecem evidencia que a representatividade não se constitui apenas pela frequência de aparições, mas também pelos sentidos construídos em torno dessas representações.

Essas representações permitem compreender que o debate sobre representatividade não se limita à presença numérica das mulheres no material didático. Mais importante que perguntar *se* as mulheres aparecem é questionar *como* aparecem, *em quais espaços* são colocadas e *quais possibilidades simbólicas* lhes são atribuídas. Assim,

a análise das representações de gênero exige observar os papéis sociais associados às personagens, as atividades que desempenham e os lugares que ocupam nas situações propostas.

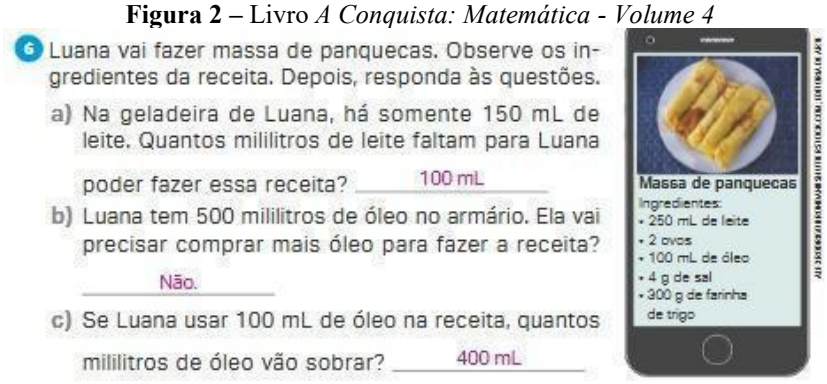
A partir dessa perspectiva, os dados sistematizados orientaram a organização das categorias analíticas discutidas a seguir, buscando compreender como as representações femininas são construídas em diferentes contextos presentes no livro didático.

4.1 A persistência do feminino associado ao espaço doméstico

Conforme evidenciado no Quadro 1, o ambiente doméstico concentra sete representações femininas, enquanto apenas um personagem masculino foi identificado nesse contexto. Embora o livro apresente uma presença relativamente equilibrada entre personagens femininas e masculinas, os dados indicam que as mulheres continuam sendo representadas, predominantemente, em situações relacionadas ao cuidado, à organização da casa e às atividades cotidianas.

Essa recorrência pode ser observada na Figura 2, em que a personagem Luana aparece preparando massa de panquecas. Observa-se que a situação-problema está diretamente vinculada a uma prática cotidiana tradicionalmente atribuída às mulheres: o preparo de alimentos. Embora a atividade tenha como objetivo o desenvolvimento de habilidades matemáticas relacionadas às medidas de capacidade, ao escolher uma personagem feminina para desempenhar uma tarefa doméstica, o livro didático reforça, ainda que de forma implícita, a associação entre o feminino e o cuidado com o lar.

Figura 2 – Livro *A Conquista: Matemática - Volume 4*



Fonte: Giovanni Júnior e Fugita (2025, p. 149).

Quando analisada em conjunto com as demais ocorrências identificadas no livro, essa representação deixa de ser uma situação isolada e passa a evidenciar uma regularidade na forma como o feminino é apresentado. Sob a perspectiva de Foucault

(1979), tais recorrências podem ser compreendidas como práticas discursivas que produzem modos de compreender os sujeitos e seus lugares na sociedade.

Essa interpretação aproxima-se das discussões de Louro (1997), ao compreender que a escola e seus materiais participam da construção das identidades e das diferenças de gênero. Assim, mais do que representar mulheres em situações do cotidiano, o livro didático produz discursos que reforçam expectativas historicamente construídas sobre seus papéis sociais. Tal compreensão torna-se ainda mais evidente quando se observa que, mesmo nas situações que envolvem consumo e administração financeira, as personagens femininas permanecem vinculadas às necessidades da casa e da família, aspecto que será aprofundado na subseção seguinte.

4.2 Representações masculinas e o espaço público/econômico

A análise dos dados sistematizados no Quadro 1, mostra que as situações relacionadas ao consumo e à autonomia financeira aparecem em sete ocorrências envolvendo personagens femininas e em onze envolvendo personagens masculinos. Entretanto, a principal diferença não está na quantidade dessas representações, mas na forma como a autonomia é construída para cada gênero. Enquanto as mulheres aparecem administrando recursos voltados ao ambiente doméstico, os homens são representados tomando decisões relacionadas ao consumo de bens, ao uso de tecnologias e à circulação no espaço público.

A Figura 3 exemplifica essa representação ao apresentar um personagem masculino em uma situação que envolve a compra de um computador. O contexto escolhido associa o personagem à autonomia econômica e ao domínio tecnológico, produzindo sentidos que vão além do conteúdo matemático.

Figura 3 – Livro *A Conquista: Matemática - Volume 4*



Fonte: Giovanni Júnior e Fugita (2025, p. 165).

Essa tendência também se manifesta em outras categorias do Quadro 1. Enquanto não foram identificadas personagens femininas em situações relacionadas à tecnologia, os homens aparecem em duas ocorrências nesse contexto. Da mesma forma, as representações masculinas predominam em atividades esportivas e profissionais, reforçando sua associação a espaços de maior visibilidade social.

Ao reiterar personagens masculinos em situações que envolvem decisões financeiras, tecnologia e protagonismo, o livro didático contribui para naturalizar determinadas posições sociais atribuídas aos homens. Em diálogo com Silva (2005), compreende-se que essas escolhas curriculares participam da produção de significados sobre os papéis de gênero, legitimando determinadas formas de atuação social.

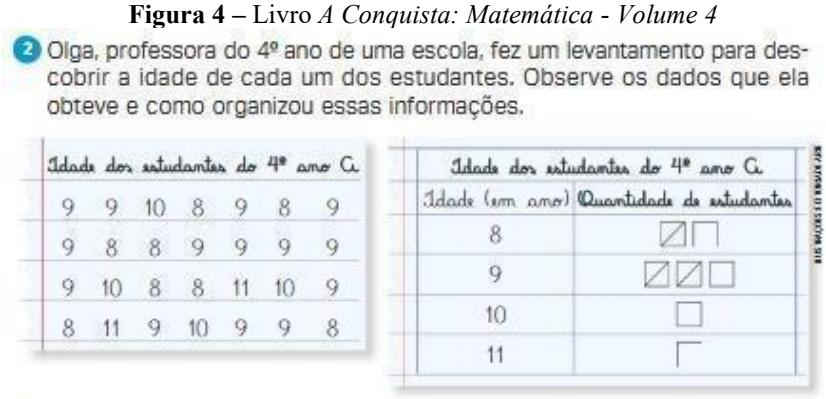
Assim, embora homens e mulheres apareçam em situações relacionadas ao consumo, os sentidos produzidos são distintos. Enquanto a autonomia masculina é construída a partir da circulação no espaço público e da tomada de decisões econômicas, a autonomia feminina permanece vinculada à administração da vida doméstica, evidenciando que os avanços na representatividade feminina não são acompanhados por mudanças equivalentes nos papéis sociais atribuídos às personagens.

4.3 A presença feminina no mercado de trabalho

A distribuição apresentada no Quadro 1 demonstra uma presença relativamente equilibrada de personagens femininas e masculinas em contextos relacionados ao mercado de trabalho. Entretanto, uma análise mais profunda revela que essa aproximação quantitativa não elimina diferenças quanto às profissões atribuídas e aos sentidos produzidos por essas representações.

Essa tendência pode ser observada na Figura 4, em que uma personagem feminina é apresentada exercendo a profissão de professora em uma situação-problema relacionada ao ensino de Matemática. Embora essa representação evidencie a presença das mulheres no mercado de trabalho, ela também reforça uma ocupação historicamente associada ao gênero feminino.

Figura 4 – Livro *A Conquista: Matemática - Volume 4*



2 Olga, professora do 4º ano de uma escola, fez um levantamento para descobrir a idade de cada um dos estudantes. Observe os dados que ela obteve e como organizou essas informações.

Idade dos estudantes do 4º ano C

9	9	10	8	9	8	9
9	8	8	9	9	9	9
9	10	8	8	11	10	9
8	11	9	10	9	9	8

Idade dos estudantes do 4º ano C

Idade (em ano)	Quantidade de estudantes
8	▨□
9	▨▨□
10	□
11	▨

Fonte: Giovanni Júnior e Fugita (2025, p. 225).

Essa representação dialoga com as discussões de Valentim (2025), ao evidenciar que a docência foi historicamente constituída como uma profissão feminina. Segundo a autora, esse processo esteve relacionado à construção de discursos que associaram as mulheres ao cuidado, à sensibilidade e à vocação para o ensino, contribuindo para a feminização da profissão docente. Assim, embora a presença de uma professora represente a inserção das mulheres no mercado de trabalho, ela também evidencia a permanência de representações tradicionalmente atribuídas ao feminino.

Em contrapartida, a Figura 5 apresenta uma personagem feminina exercendo a profissão de arquiteta. A situação-problema mobiliza conhecimentos matemáticos relacionados ao cálculo de áreas, inserindo a personagem em um contexto profissional distinto daqueles tradicionalmente atribuídos às mulheres.

Figura 5 – Livro *A Conquista: Matemática - Volume 4*



1 A arquiteta Tainá está começando a traçar o esboço da casa que vai projetar. Nesse esboço, ela representou qual tipo de linha?

Linha simples aberta.

Fonte: Giovanni Júnior e Fugita (2025, p. 39).

Essa alteração sugere um movimento de atualização editorial e uma maior sensibilidade em relação à representatividade feminina. A substituição de um personagem

masculino por uma personagem feminina em uma profissão amplia as possibilidades de representação das mulheres em diferentes espaços profissionais. No entanto, essa mudança ainda aparece de forma isolada. Ela não altera a lógica predominante do material, funcionando mais como uma exceção do que como uma transformação estrutural.

Desse modo, a presença da arquiteta representa um avanço em relação à edição anterior, mas configura-se, sobretudo, como uma adequação às demandas contemporâneas por maior diversidade e representatividade. Essa constatação dialoga com os resultados encontrados por Rodrigues (2025) e Lima (2025), que, ao analisarem coleções recentes de livros didáticos de Matemática, identificaram melhorias pontuais na ampliação da presença feminina, sem que isso implicasse a superação dos estereótipos de gênero que ainda atravessam esses materiais.

Essas representações podem ser compreendidas como parte do currículo oculto, uma vez que, para além dos conteúdos matemáticos, o livro didático transmite valores, normas e expectativas sobre os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres (Silva, 2005). Nesse sentido, as escolhas presentes nas situações-problema não são neutras, mas participam da construção de identidades e da produção de sentidos sobre quem pode ocupar determinados espaços sociais e profissionais.

5 Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo analisar como o gênero feminino é representado no livro didático *A Conquista: Matemática – Volume 4* (2025), investigando os contextos em que as personagens femininas aparecem, os papéis sociais que lhes são atribuídos e os sentidos produzidos por essas representações. A partir da análise realizada, foi possível evidenciar que, embora haja a presença de personagens femininas ao longo do material, essa representação ainda ocorre de maneira limitada e, em muitos casos, associada a estereótipos de gênero historicamente construídos.

Os resultados indicam que as mulheres são frequentemente vinculadas a atividades do espaço doméstico e a funções relacionadas ao cuidado, como cozinhar, organizar tarefas do lar e atuar na docência. Ainda que tenham sido identificadas algumas tentativas de ampliação dessas representações, como a inserção de uma personagem feminina em uma profissão de maior prestígio social, essas ocorrências aparecem de forma pontual e não são suficientes para romper com o padrão predominante no material.

Além disso, a análise evidenciou que o livro didático, enquanto artefato curricular, não apenas organiza conteúdos, mas também produz discursos e representações que influenciam a forma como os estudantes compreendem quem pode ocupar determinados espaços sociais e acadêmicos. Nesse sentido, a predominância de representações femininas associadas a contextos específicos contribui para a manutenção de uma imagem da Matemática ainda vinculada ao universo masculino, reforçando a invisibilidade histórica das mulheres nesse campo.

Por fim, este estudo aponta para a necessidade de novas investigações que ampliem a análise para outros anos escolares, coleções e contextos, bem como para a articulação com práticas pedagógicas que possam problematizar as representações presentes nos materiais didáticos. Mais do que incluir personagens femininas, é necessário considerar a forma como essas mulheres são representadas, os espaços que ocupam e os papéis que desempenham.

REFERÊNCIAS

APPLE, M. The politics of official knowledge: does a national curriculum make sense? *Teachers College Record*, v. 95, n. 2, p. 222-241, 1993. Disponível em: https://web.stanford.edu/class/educ232b/Apple.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)**.** *Programas do Livro*. Brasília, DF: FNDE, [s.d.]. Disponível em: https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro. Acesso em: 25 jul. 2026.

CELLARD, A. A análise documental. *In*: POUPART, J. *et al*. *A pesquisa qualitativa*: enfoques teóricos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-316.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GIOVANNI JÚNIOR, J. R.; FUGITA, F. *A conquista*: matemática: 4° ano: ensino fundamental: anos iniciais. 2. ed. São Paulo: FTD, 2025.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. DOI: https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?lang=pt. Acesso em: 24 abr. 2026.

LIMA, Wesley Alves. *Matemática ilustrada, gênero reforçado? Representações visuais e desigualdades nos livros do PNLD*. 2025. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Valparaíso, Valparaíso de Goiás, 2025.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação*: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

RODRIGUES, Mariana Ferreira. *Gênero e ensino de Matemática*: representações de gênero em coleções aprovadas pelo PNLD 2020. 2025. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Matemática) – Instituto de Matemática e Estatística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

SCHIEBINGER, L. *O feminismo mudou a ciência?* Tradução de Raul Fiker. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade*: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VALENTIM, M. M. *Docência e feminização do magistério*: análise de uma instituição escolar no município de Dracena – SP (1949-1996). 2025. 81 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2025.